



A PINTURA DO CORPO E DA SEXUALIDADE: ANÁLISE DE POSSÍVEIS CENAS SEXUAIS DE PESSOAS DO MESMO SEXO EM PINTURAS RUPESTRES NO PARQUE NACIONAL SERRA DA CAPIVARA – PNSC / PIAUÍ-BRASIL

Matteus Freitas de Oliveira ¹
Michel Justamand ²

RESUMO

Este trabalho problematiza a representação do corpo por meio das cenas de pinturas rupestres localizadas no Parque Nacional da Serra da Capivara – PNSC, Piauí – Brasil, que apresentam elementos que tensionam a visão estabilizada, naturalizada e atemporal das matrizes heteronormativa, no que tange a linearidade entre corpo, desejo, sexo, gênero e sexualidades. Por meio da problematização imersa na Arqueologia e Geografia Queer, cenas de pinturas que pressupõem relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo permitem a eclosão de novos imaginários para problematizar marcadores sociais criados entre 6 a 12 mil anos em que corpos era representados sem as punições que disciplinam os corpos na contemporaneidade.

Palavras-chave: Arqueologia Queer, Representações, Sexualidades.

RESUMEN

Este trabajo problematiza la representación del cuerpo a través de escenas de pinturas rupestres ubicadas en el Parque Nacional Serra da Capivara - PNSC, Piauí - Brasil, que presentan elementos que enfatizan la visión estabilizada, naturalizada y atemporal de la matriz heteronormativa, en cuanto a la linealidad entre el cuerpo, deseo, sexo, género y sexualidades. A través de la problematización inmersa en la Arqueología y Geografía Queer, pintar escenas que presuponen relaciones sexuales entre personas del mismo sexo permiten el surgimiento de nuevos imaginarios para problematizar los marcadores sociales creados entre 6 a 12 mil años en los que los cuerpos fueron representados sin los castigos que disciplina a los cuerpos. en la contemporaneidad.

Palabras clave: Arqueología Queer, Representaciones, Sexualidades.

INTRODUÇÃO

A representação do corpo, envolvendo diversas técnicas e concepções, atravessou a escala de tempo histórico estando presente em diversas formas de

¹ Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Bahia - UFBA, docente do Instituto Federal da Bahia - IFBA, Campus Valença, matteusfreitas@gmail.com;

² Doutor em Ciências Sociais/Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, docente da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, Campus Guarulhos, micheljustamand@yahoo.com.br;



sociedade humana. Para além de um objeto arqueológico, como as pinturas, gravuras e artefatos rupestres, outras expressões em formas de estatuas e cerâmicas, se constituem como registros de um contexto geohistórico cristalizado em formas residuais que compõem as paisagens no presente e que exploraram as formas e dinâmicas dos corpos em múltiplos contextos.

A dinâmica da produção do espaço geográfico, compreendida por Santos (1996) através da evolução do meio - em natural, técnico e técnico científico-informacional, nos possibilita compreender a produção das paisagens, a criação de lugares e efetivação de territórios, enquanto produtos socialmente construídos imersos em contextos históricos distintos, mas que se caracterizam pela transformação da natureza dada as ações da espécie humana com processos distintos. E não há evolução do espaço geográfico sem o corpo, pois é a partir do corpo que se realiza os processos geográficos (MASSEY, 2008), assim o corpo, pode ser compreendido como uma superfície inscrita por meio das representações corporais (McDOWELL, 1992, 1999).

O corpo, que é o recorte de análise desse estudo, representado pelas pinturas rupestre, é aqui compreendido “como um espaço que aglutina interações que se relacionam uma com as outras, gerando novas situações que se circunscrevem sobre o próprio corpo, as marcas, nossas identidades” (PEDROSO; GUIMARÃES, 2017, p. 31). A dimensão do corpo, mesmo arqueologizado em escalas emblemáticas para estudos de gênero e sexualidade, ultrapassa a concepção biológica para uma percepção onde o corpo é resultado de processos sociais. As pinturas rupestres apontam para os usos sociais do corpo, sem construir as mesmas fronteiras que marcam os corpos contemporâneos conforme a matriz heteronormativa (BULTLER, 2003). Desta forma, o exercício de poderes entre corpos, mesmo os pintados em rochas a mais de 12 mil anos, é marca central da vida social humana, já que é por meio do corpo que estabelecemos relações espaço-temporais. Caberíamos pensar quais marcadores sociais estavam impregnados de poder e governavam os corpos em uma escala de tempo para além da era vitoriana, período no qual a disciplina e a docilização dos corpos produziram as concepções que possuímos na atualidade como discutiu Foucault (1987).

Podemos situar as pinturas rupestres, nosso objeto de estudo, como herança, representação e registro da história e do espaço em que sua dimensão de materialidade e imaterialidade possa ser compreendida de forma dialética e nunca desassociada (LE GOFF, 1990; SANTOS, 1996; FAGUNDES ET AL., 2018).



Levando em consideração as pinturas rupestres que serão problematizadas nas próximas laudas, devemos considerar que elas são resultado de grupos sociais que os produziram, de outros que os ressignificaram incrementando novos desenhos, bem como dos que depois puderam se representar, além de reler esses conteúdos (JUSTAMAND, et al., 2019). Os corpos pintados em rochas, chamados de antropomorfos, podem ser, inclusive, uma sobreposição de múltiplas concepções que foram justapostas e sobrepostas nos sítios arqueológicos, o que para Ribeiro (2009) se constituiu em um terreno científico pantanoso.

A investigação da produção, datação, significados simbólicos das pinturas e gravuras rupestres é um dos argumentos que separam campos de estudo dentro da Arqueologia, em que a alta subjetividade, ausência de precisão de evidências e dificuldade de datação, direcionam as pinturas rupestres para temáticas marginalizadas e fortemente desenvolvidas por arqueólogas, “associado ao gênero feminino as atividades e atribuições consideradas de menor status, quanto ao gênero masculino são atribuídas aquelas mais valorizadas” (RIBEIRO, 2009, p. 162). O discurso não apenas delimitou áreas que importam na Arqueologia, mas também se criou um falso e insustentado imaginário de que somente sujeitos de sexo masculino, como xamãs e caçadores, eram responsáveis pela autoria das artes rupestres (RIBEIRO, 2009).

As pinturas rupestres refletem a organização espacial da sociedade, informações astronômicas, hídricas, bases cartográficas, dinâmicas de correntes marinhas, organização social como atividades de caça, colheita, pesca, ações místicas, cenas de sexo, de lazer, de guerras entre outras (FAGUNDES et al., 2018).

As pinturas rupestres além de se constituir enquanto informações sobre o “outro”, ao apontar possibilidades de interpretação sobre os processos do passado, são também repertórios culturais, com significados, significações e sentidos como *continuum* que alcança o indivíduo atual em sua particularidade por meio da ancestralidade, imbricada na relação tênue do tempo, em que o presente se faz em relação ao passado e permite projeções de futuro.

O objetivo central desse artigo foi problematizar por meio da Geografia e Arqueologia Queer o estranhamento da compreensão das pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara - PNSC compreendendo o sexo, o gênero e as sexualidades como discursos socialmente produzidos, subvertendo as leituras conservadoras desses painéis esquecidos pelos grandes tratados arque-geográficos. Além disso, buscaremos



operacionalizar uma análise medida pelo conceito de paisagem, numa abordagem cultural, em que materialidade (a pintura em si) e a imaterialidade (os sentidos) se constituem em um só, como instigante fonte de provocações para repensar as produções discursivas que manifestam seu poder nos corpos e nos espaços.

AS PINTURAS RUPESTRES COMO REPRESENTAÇÃO DO CORPO

O Parque Nacional Serra da Capivara – PNSC reúne um acervo ímpar de pinturas rupestres (Tradições Nordeste, Agreste e Geométrica), gravuras (Tradições Itacoatiaras do Oeste e do Leste) e materiais líticos, classificados em estudos realizados desde os anos 1980 do século XX até os dias atuais, com destaque a produção técnica da arqueóloga Niède Guidon (1991).

O PNSC, localizado no estado do Piauí - Brasil, concentra 1.335 sítios arqueológicos, onde 184 correspondem a vestígios em cerâmica, 946 em forma de pinturas rupestres, 206 em formas associadas entre pinturas e gravuras e 80 apenas de gravuras (GUIDON, 2014; MARANCA; MARTIN, 2014). Além disso Guerin e Faure (2014) sistematizou a classificação de 7.000 fósseis, que encontram-se organizadas em 60 espécies, dentre elas 30 espécimes são consideradas totalmente extintas ou não mais encontradas na região. Diante disso, fica evidente a potência de vestígios das antigas geografias, cristalizadas nos achados arqueológicos, em que as relações com o corpo e sobre o corpo são chaves para o entendimento das antigas paisagens, lugares e territórios além de suas conexões para as formas do futuro.

As pinturas rupestres que serão aqui problematizadas como fraturas no pensamento conversador da Geografia e Arqueologia foram coletadas na expedição ao PNSC, entre os dias 29 de janeiro a 5 de fevereiro de 2018, por uma equipe multidisciplinar, gerando imagens e análises nos diversos sítios arqueológicos dotados de registros que “sugerem ou podem ser lidos como cenas de práticas sexuais” (JUSTAMAND, et al., 2019, p.26).

O estudo apresenta uma abordagem qualitativa, mergulhando na técnica de descrição associada a estranheza que as cenas rupestres sugerem ao serem compreendidas a partir da visão tradicional que temos sobre o binarismo de gênero. Conforme Joshua Gamson (2006, p. 345), essa abordagem “(...) preocupa-se mais com a



criação de significado cultural e político e com dar mais espaço às vozes e às experiências que foram suprimidas”.

Diferente dos trabalhos de Prous (1991) e Guidon (2014) este estudo não esteve pautado na delimitação de estilos, traços, tonalidades, e tradições arqueológicas, mas na compreensão de temáticas por meio de novos imaginários possíveis no bojo dos estudos das representações. Tanto na Geografia quanto na Arqueologia a fotografia e análise da paisagem tem sua importância enquanto recurso para análise. Sendo assim, com base em Justamand et al. (2019) problematizaremos o eles chamam de concepção “tradicional”, através dos estudos Queer oriundo da Geografia e Arqueologia reconhecendo limites e possibilidades de análise.

As relações que reconhecemos nesse momento histórico enquanto homoafetivas, encontram-se representadas em forma de pinturas rupestres na Serra da Capivara. Sua existência problematiza a estabilidade, naturalidade e caracter atemporal de um sistema generificado e generificante que mantem a simetria entre corpo, sexo, gênero e sexualidades, desestabilizando o binarismo e os desejos heteronormativos que são reiteradas pelas instituições que governam os corpos de nossa era (HARAWAY, 1995; BUTLER, 2003; FOUCAULT, 2014; RODRIGUEZ E AZINI, 2020).

Parte do grupo de pesquisa, responsável pela coleta destas cenas, em publicação anterior sugerem uma perspectiva Queer para compreender os contextos presentes em pinturas rupestres nas quais corpos, aparentemente de mesmas genitálias, mantém relações sexuais (COLLING et al, 2019). Destacando um aspecto relevante, Gontijo e Schaan (2017) nos alerta que existe uma armadilha interpretativa ligada a temporalidade que se encontra posta (e porque não imposta!) ao visualizar as inscrições de povos ancestrais grafadas em rochas. Estivemos em constante risco quando nos propusemos estabelecer simetrias entre um passado, cujos marcadores sociais, normas, valores, significados e significantes são para nós pouco inteligível em seu paleocontexto e são erroneamente interpretados por meio das lógicas dos simulacros do projeto de modernidade que atuam como cirurgias ideológicas para controlar nossas percepções, corpos, tempos e espaços, recriando realidades dominadas de ideologias a favor de uma concepção colonizadora.

Em busca de um caminho metodológico, Colling et al (2019) nos conduzem a olhar, por meio de uma leitura tradicional, os sítios arqueológicos da Serra da Capivara, onde há mais de 1.300 sítios com cenas rupestres que remetem à possíveis cenas



sexuais, datadas entre 06 e 12 mil anos, produzindo estranhezas e subversões ao discurso do conhecimento situado que acampa os grandes tratados arqueológicos a favor do binarismo e normatividade dos sexos, gêneros, e das sexualidades (HARAWAY, 1995). Se não podemos ter acesso a representação, de fato, do significante e significado das pinturas rupestres, ao menos teremos como subverter o que nossos contemporâneos disseram, escreveram e divulgaram sobre elas.

O trabalho de campo revelou inúmeras pinturas que poderiam ser utilizadas para análise, dentre elas escolhemos algumas para problematizar as concepções de sexo, gênero e sexualidades registradas por nossos ancestrais no PNSC, bem como as normas que organizavam o convívio social em comparação com a concepção “tradicional” que organiza a vida dentro de um projeto de modernidade. As cenas observadas no trajeto dos painéis mais famosos do PNSC, em uma leitura tradicional, sugerem para os cientistas, turistas e observadores em geral a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo, sexo entre pessoas de sexos distintos, sexo de pessoas com animais (zoomorfos), sexo em grupo e sexo de pessoas de idades diferentes (observadas pelas diferenças de estatura dos antropomorfos). Dentre elas problematizamos, por meio dos estudos da Geografia e Arqueologia Queer as cenas de possíveis práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Dentre essas pinturas, a partir da visão tradicional, encontramos possíveis atos de penetração de homens com homens e carícias entre mulheres.

O passado grafado nas paredes rochosas do PNSC, compõem fragmentos de uma paisagem aparentemente menos heteronormativa, no qual os territórios dos paleogrupos obedeciam outras lógicas de poder em que o gênero, como hoje é compreendido, não era elemento determinante ou impositivo das relações sociais. As paisagens mais procuradas para visita no PNSC estão marcadas com cenas de sexo, o que podemos indicar, a partir da visão tradicional, como um grande manual de Kama Sutra da pré-história, com cenas de sexo grupal, pessoas entre pessoas do mesmo sexo, bestialismo/zoofilia entre outras expressões de práticas sexuais (GOMES FILHO et al, 2018 ; JUSTAMAND et al, 2020). Esses registros nos remetem a pensar que as práticas atualmente conceituadas como homoafetivas são tão antigas quanto a própria espécie humana, confirmando algumas considerações sociocomportamentais de Freud.

As cenas não encontram-se privadas em áreas estratégicas, elas compõem parte de um cotidiano mesclado a práticas de alimentação, rituais, lutas, comemorações entre outras situações, nos levando a considerar a presença de corpos mais livres, se



comparados com as normas e disciplinas que governam nossos corpos atualmente, além de sugerir outras lógicas de usos espaciais diversos, com destaque a presença de mulheres em várias atividades, sobretudo na caça e rituais.

Ao observar a materialidade da paisagem dos paredões cheios de registros de nossos antepassados, pudemos ir mais além do que um cotidiano de sobrevivência e pudemos pensar em novos imaginários para o corpo de nossos ancestrais, uma corpo que dança, que se alimenta, que se diverte e que experimenta tantos outros corpos sem o peso do julgo, presecuição e morte no qual estamos submetidos. Pudemos experimentar a potencia da interpretação Queer no confronto de leituras tradicionais consagradas na Arqueologia como resposta a essas cenas.

As considerações da abordagem tradicional apontaram as figuras de possíveis cenas de relações sexuais voltadas para a reprodução da espécie humana, descartando a possibilidade de considerar o prazer e o erotismo. Podemos questionar essa vertente, a partir da figura 1, indagando qual o papel que a pintura nos sugere ao ressaltar práticas sexuais que não tem fins reprodutivos? O que nossa paleosociedade gostaria de enfatizar ao retratar dois antropomorfos adultos, com uma possível ereção, em uma cena de movimento sexual contendo uma possível mulher em processo de amamentação?

Figura 1: Toca do Caldeirão dos Rodrigues. Cena da Penetração com amamentação.

Parque Nacional Serra da Capivara – PI.



Fonte: Acervo dos autores.



Registros múltiplos para além do binarismo de gênero encontram-se espalhados por muitos continentes, que de acordo com Taylor (1997), permitiram o encontro de vestígios arqueológicos, similares as plurais e ricas formas de relacionamentos sexuais da atualidade. Dentre as possíveis práticas sexuais registradas, destacamos a homopentração masculina, em uma cerâmica peruana, datada de 600 anos depois da era cristã. No PNSC foi identificado, na Toca do Boqueirão da Pedra Furada, uma possível cena de penetração entre dois antropomorfos com falos eretos, como pode ser observado na figura 2. Essa pintura, resgata a problematização realizada anteriormente sobre a funcionalidade do sexo para fins de reprodução da espécie. Qual sentido poderia estar norteando a sociedade ameríndia na qual realça o contato entre dois falos em uma área tão aberta para o transitório de diversos grupos paleóticos? Quais marcadores sociais regiam os paleocorpos e suas possíveis diferenças com relação às normas estabelecidas em nossa era pela matriz heteronormativa?

Figura 2: Toca Boqueirão da Pedra Furada. Cena da penetração/relação sexual entre dois antropomorfos, provavelmente, representações de dois homens. Parque Nacional Serra da Capivara – PI.



Fonte: Acervo dos autores.



Outra pintura de destaque se encontra na Toca do Baixão do Perna IV, guiadas pela visão tradicional poderíamos considerá-la em uma cenas de sexo grupal (ver figura 3). A pintura não nos poupa em refletir a ausência de instituições normatizadoras que socializam corpos como discutiu Foucault (1987), dentre elas a igreja que cria e reintera restrições morais e éticas com base na tradição religiosa ocidental de herança judaico-cristã (COLLING et al, 2019). Pelo contrário, apresentam corpos livres, que transcendem as restrições atualmente punitivas como observeou Martin (1984).

Figura 3: Cena do sexo grupal. Toca do Baixão do Perna IV. PNSC.



Fonte: Acervo dos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomamos como certo que nossos ancestrais ao registrarem práticas sexuais e ou sociais variadas, em suas artes, demonstram que lidavam, ao que nos parece, com muita naturalidade, com os seus corpos e, também, os seus afetos, por mais diferentes e diversos que fossem esses desejos e ações sexuais. Mais do que tudo que a sexualidade, em todas as suas variantes, não era reprimida ou escondida, ao que nos faz indicar, pelas



cenias, afinal as pinturas rupestres estavam ali para todos verem e todos tinham acesso livre.

Além disso, nos questionamos sobre essas leituras tradicionais das cenias rupestres, se elas não estão densamente carregadas dos marcadores sociais que organizam a matriz das normas de gênero e sexualidade da atualidade. Uma das limitações desse estudo, reside justamente na busca de conclusões sobre esse cotidiano que se tenta entender, visto que o caminho dessa resposta está sempre seduzido por um atravessamento anacrônico de análise que necessita ser considerado.

Embora o tempo seja desafiador para essas análises, as cenias estudadas podem ser novas provocações para recontar outra história da sexualidade a partir dos registros das pinturas rupestres no Piauí e no Brasil.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Tradução de PIMENTA, L. F.; PIMENTA, M. C. A. 3ª ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2007.

COLLING, L.; JUSTAMAND, M.; GOMES FILHO, A.; OLIVEIRA, G.F. . Questões queer para analisar os registros rupestres com cenias que sugerem práticas sexuais na Serra da Capivara. *Revista de Arqueologia (Sociedade de Arqueologia Brasileira. IMPRESSO)*, v. 32, p. 24-41, 2019.

COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

FAGUNDES, Marcelo; BANDEIRA, Arkley Marques; GRECO, Wellington Santos. Paisagem e lugares: considerações sobre a arte rupestre do Sítio Sampaio, Felício dos Santos, Alto Araçuaí, Minas Gerais: uma análise interpretativa. *CADERNO DE GEOGRAFIA*, v. 28, p. 746-768, 2018.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. Raquel Ramallete. 24ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.



GAMSON, J. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DEZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.

GUÉRIN, Claude; Faure, Martine. 2014. In: Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol.II-A p.140-168.

GUIDON, Niède. Peintures préhistoriques du Brésil: l'art rupestre du Piauí. Paris: Editions Recherches sur les civilisations, 1991.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; JUSTAMAND, Michel. Registros rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí: breves reflexões sobre a pesquisa antropológica na educação e suas perspectivas interdisciplinares. **Ciência e Sustentabilidade – CeS**, Juazeiro do Norte, v. 4, n. 1, p. 39-56, jan/jun, 2018.

GONTIJO, F. de S.; SCHAAN, D. P. Sexualidade e Teoria Queer.in: **Revista de Arqueologia**, [S.l.], v. 30, n. 2, p. 51-70, dez. 2017. ISSN 1982-1999.

GUIDON, N. A Fundação Museu Homem Americano e o Parque Nacional Serra da Capivara: um relato sucinto de quatro décadas de pesquisas. In: Pessis, Anne-Marie P.; GUIDON, N; MARTIN, G. Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. A&A Comunicação, São Paulo, vol. A, p.26-44, 2014.

JUSTAMAND, M.; COLLING, L.; OLIVEIRA, G. F. de; GOMES FILHO, A. dos S.; BELARMINO, V. da S. Representações de relações sociais e sexuais entre pessoas do mesmo sexo nas cenas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara-Piauí. In: **Revista Nordestina de História do Brasil**, v. 1, p. 92-105, 2019.

LE GOFF, J. Documento/Monumento. In: História e memória; tradução Bernardo Leitão et al.. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LUCAS, G. Modern Disturbances: On yhe Ambiguites fo Archaeology. *Modernism/Modernity*. 11, no. 1. 109-120, 2004.

MARTIN, G. **Pré-História do nordeste do Brasil**. EdUFPE, Recife, 1999.

MARANCA, Silvia; Martin, Gabriela. Populações pré-históricas ceramistas na região da Serra da Capivara. Os Biomas e as Sociedades Humanas na Pré-história da região do Parque Nacional Serra da Capivara. Anne-Marie Pessis, Niède Guidon, Gabriela Martin. São Paulo: A&A Comunicação, 2014, vol. B, p.480 – 511.

MASSEY, Doreen. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MCDOWELL, L. Doing Gender: feminism, feminists and research methods in human geography. In: *Transactions of the Institute of British Geographers*, v.17, n. 4, London, 1992.



_____, L. Dentro y fuera de lugar: cuerpo y corporeidad. In: _____. Género, identidad y lugar: un estudio de las geografías feministas. Madri: Ediciones Cátedras, 1999. p. 59-109.

PEDROSO, M. F; GUIMARÃES, R. B. Marcas do HIV/AIDS em Corpos Jovens: Rupturas e Ressignificações no Espaço Urbano. Rev. Latino Americana de Geografia e Gênero, v. 8, n. 2, p. 23-50, 2017.

PROUS, André. **Arqueologia Brasileira**. UnB: Brasília, 1991.

RODRIGUEZ, Shay de Los Santos; ANZINI, Violet Baudelaire. Transviades contra o sistema transfóbico: você sabe o que é genitalismo? Revista Brasileira de Estudos da Homocultura, [S.L.], v. 3, n. 12, p. 41-57, 5 abr. 2020. Pimenta Cultural. <<http://dx.doi.org/10.31560/2595-3206.2020.12.12026>>. Acesso em: 20/maio/2021

RIBEIRO, Loredana. Sobre pinturas, gravuras e pessoas – ou os sentidos que se dá à arte rupestre. Revista Especiaria - Cadernos de Ciências Humanas, Dossiê Arqueologia Hoje. Universidade Estadual de Santa Cruz, 2009.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4.ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SERPA, A. Paisagem, lugar e região: perspectivas teórico-metodológicas para uma geografia humana dos espaços vividos. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, n. 33, p. 168- 185, 2013.

SILVA, J. M (Org.) Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade. Ponta Grossa-PR: Toda Palavra, 2009.

SILVA, J.M; SILVA, M. das G.S.N. Introduzindo as interseccionalidades como um desafio para a análise espacial no Brasil: nem direção às pluralidades do saber geográfico. In: SILVA, M. das G.S.N.; SILVA, J.M (org.). **Interseccionalidades, gênero e sexualidades na análise espacial**. Ponta Grossa-PR: Toda Palavra, 2014.

TRIGGER, Bruce G. **História do pensamento arqueológico**. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VIERA, P.J. Cidades e (homo)sexualidades: Heterotopias e constelações lésbicas e gays em espaços urbanos. In: SILVA, J.M e SILVA, A.C.P da. (org.). **Espaço gênero e poder: Conectado fronteiras**. Ponta Grossa: Toda palavra, 2011.